

A nova arquitectura geoeconómica e geopolítica global. Relações Portugal-China e o Mundo da Lusofonia

A Ordem mundial actual tem raízes que remontam ao período pós-II Guerra Mundial.

Esta assenta em dois pilares: a ONU e o designado sistema de Bretton-Woods que criou instituições multilaterais (FMI, Banco Mundial, GATT...).

Ambos os pilares constituem aquilo a que alguns autores deignam por “ordem internacional bilateral” por ser aberta e baseada em regras. Os EUA assumiram a liderança desta Ordem desempenhando assim uma espécie de “hegemon” benigno, principalmente no pós-Guerra Fria.

2. No entanto, a liderança dos EUA foi-se desmoronando ao longo das décadas seguintes com os ataques terroristas às torres gémeas em 2001, a crise financeira de 2008 e, no mesmo ano, a intervenção militar da Rússia na Geórgia. 2008 foi, aliás, igualmente o ano em que a China demonstrou a sua grande transformação como anfitriã dos Jogos Olímpicos de Beijing.

A ordem mundial pós-Guerra Fria começa a ser contestada por países como a Rússia e a China que, juntamente com o Brasil, a Índia e a África do Sul constituem em 2009 os BRICS (24% do PIB mundial).

3. A República Popular da China tem aqui um papel fundamental através de um crescimento económico muito acentuado e do consequente alargamento da sua influência internacional.

O principal exemplo desse posicionamento é a iniciativa Faixa e Rota, um programa de investimento em infra-estrutura, bem conhecido de todos, que visa ligar a China às restantes regiões do Mundo. Pequim liderou ainda a criação do Banco Asiático de Investimento e Infraestrutura.

O conjunto destas iniciativas por parte da China pode ser entendido como uma forma de reinterpretar partes da Ordem Mundial, sem deixar de fazer parte da mesma. Sabemos que a China é hoje uma das principais potências apoiantes do multilateralismo, ao contrário dos EUA.

4. Encontramo-nos portanto hoje numa época de transição e incerteza; num Mundo multipolar emergente em que essa nova Ordem substitui o Mundo unipolar de que os EUA constituiram o centro.

Países como a China, Rússia e os próprios BRICS (onde o mundo da Lusofonia marca presença através do Brasil) afirmam-se como importantes “players” a nível global.

Novos centros de Poder económico, militar e tecnológico desafiam a hegemonia Ocidental.

Tal realidade levou a uma certa fragmentação económica e à formação de blocos (Am. Norte, Ásia-Pacífico, Rússia, Europa) estando também na origem da rivalidade estratégica EUA/China e daí designarmos EUA (a potência incumbente) e a China (potência desafiante).

Por outro lado, a clássica dimensão geopolítica centrada no poder territorial e militar dos Estados tende a ser complementada com disputas por tecnologias de ponta (chips, IA, 5G) e plataformas digitais (Big Tecs). Objectivo é alcançar autonomia estratégica de modo a mitigar as dependências tecnológicas e garantir o acesso a materiais críticos (terrás raras...) .

5. A República Popular da China com aproximadamente 75% da economia dos EUA encontra-se na vanguarda deste movimento à escala global. Num inquérito recente da “Global Times” a China aparece associada a termos como “economia”, “tecnologia” e “inovação”.

6. Constatam-se ainda fortes desafios ao multilateralismo tal como o conhecemos desde a II Guerra Mundial (ex. ONU e CS já não reflectem as aspirações do Sul Global) .

Estamos portanto num sistema internacional muito mais complexo e disputado. Com múltiplos centros de decisão onde o poder não é apenas militar ou territorial mas cada vez mais tecnológico, económico e mesmo ambiental.

7. Neste ambiente estratégico, assim aqui definido em traços muito gerais, que acabamos de ser confrontados com a “National Security Strategy” dos EUA onde se reconhece que o Indo-Pacífico já é e continuará a ser uma peça chave nos grandes desafios económicos e geopolíticos à escala planetária.

Na parte reservada à China está mencionada e cito a “necessidade de reequilibrar o relacionamento económico China - EUA priorizando a reciprocidade e a boa fé para restabelecer a alegada independência económica dos EUA”.

Ao mesmo tempo é reafirmada a decisão de manter uma genuina e mutuamente vantajosa relação económica com Beijing, sendo notório o implícito reconhecimento do elevado grau de competitividade entre as duas maiores economias do Mundo.

Na parte da segurança é dado um grande realce à importância estratégica do Mar do Sul da China, por onde circula um terço do comércio mundial, e das consequências que daí advém para a economia americana.

Reafirma o tradicional posicionamento em relação a Taiwan; apela a uma postura vigilante dos EUA na prevenção de conflitos no Indo-Pacífico; e defende a necessidade, partilhada com os aliados americanos na região, de vencer a competição económica e tecnológica no longo prazo.

É este o Mundo em que nos cabe actualmente viver !

8. Sobre a importância das relações Portugal-China, recordo a recente deslocação do Primeiro Ministro português à China no decurso da qual foi recordado que as duas partes resolveram adequadamente a questão de Macau através de consultas amigáveis, ao mesmo tempo que se assinalou o 20º aniversário do estabelecimento de uma parceria estratégica abrangente entre Portugal e a China.

Num momento em que o multilateralismo atravessa dificuldades decorrentes da postura americana, gostaria de realçar a

disponibilidade manifestada pelo Presidente Xi Jinping para reforçar a cooperação multilateral com Portugal; praticar conjuntamente o verdadeiro multilateralismo; defender a autoridade das N.U. ; salvaguardar o sistema de comércio livre; e promover a construção de um sistema de governação global mais justo e. equitativo.

9. Quanto à ligação ao mundo da Lusofonia destaco o papel ímpar do “Forum para a Cooperação Económica e Comercial” entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Criado em 2003 é um mecanismo multilateral de cooperação intergovernamental, centrado no desenvolvimento económico e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. No entanto, as relações sob o chapéu do Forum Macau extravasam a vertente económica e comercial de que a Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa é um exemplo.

Em 2023 as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa atingiram 220,8 mil milhões \$ (+2,81% face a 2022) crescendo 19 vezes desde 2003.

A China comprou bens no valor de 147,4 mil milhões \$ (+6,24% face a 2022) e vendeu produtos avaliados em 73,3 mil milhões \$ (-3,45% face a 2022).

Do conjunto dos países de língua portuguesa Angola e Brasil são os que mais exportam para a China enquanto o Brasil ocupa uma posição de grande destaque quer nas exportações quer nas importações da China com destino e origem no espaço lusófono.

A China, através de grandes participações acionistas, é o 6º maior investidor directo em Portugal nos sectores da mobilidade eléctrica, energia, banca e saúde.

Portugal, pelo seu lado, tem vindo a estabelecer fábricas e centros de distribuição na China em sectores como o automóvel, farmacêutico, cortiça, agroalimentar e tecnologia.

O Forum Macau deverá assim ser perspectivado como uma importante oportunidade económica e política na triângulo virtuoso: Portugal / Países de Língua Oficial portuguesa / e a República Popular da China, actual “potência desafiante” com possibilidade de atingir a paridade com os EUA no plano global.

Muito obrigado.

